

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Por que os 500 anos

RAFAEL GRECA

As comemorações dos 500 anos da nação brasileira foram idealizadas para valorizar a auto-estima da nossa gente, criar produto turístico e cultural, gerador de emprego e renda para o povo, num modelo sustentado mesmo depois das festas destes dias, contínuo pelo futuro afora.

Nosso projeto é o de um Brasil capaz de explorar positivamente seu imenso potencial de meio ambiente, cultura, história e tradições populares.

Queremos propor a auto-estima nacional e das comunidades locais, de todas as origens étnicas, como estratégia nacional de desenvolvimento. Afinal, nenhum lugar se presta à visita de outros se não for bom para o seu povo. Nenhuma família merece uma visita se não apreciar a própria casa e história.

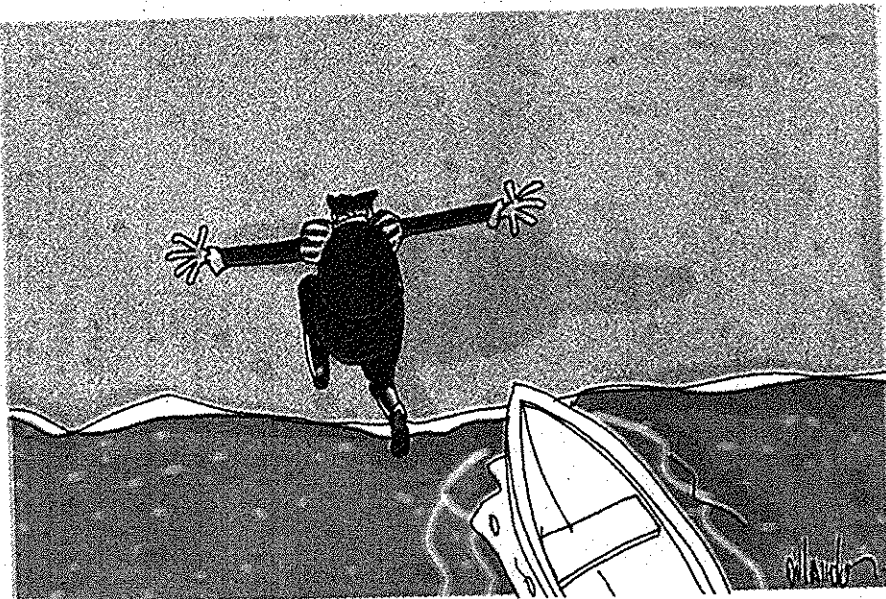
A comemoração nacional, pois, não é pelo Descobrimento do Brasil por Portugal. É, sim, pela formação da nação brasileira. Quinhentos anos de Brasil. Comemoração daquilo que somos, sem excluir ninguém.

Sem excluir os índios, em sua extraordinária resistência, aqueles que, felizmente, desde 1950 voltaram a crescer como população. São a nossa primeira raiz, essência da nossa alma, parte fundamental de um projeto de futuro com justiça e cidadania para todos.

Também se incluem os negros, tempero do caráter nacional, fundamentais a nossa alegria cultural, tanto mais brasileiros quanto capazes de ouvir as vozes da África, sem esquecimento. Além dos brancos e asiáticos, as 178 imigrações, enfim, que compõem o imenso mosaico da brasilidade.

Dentro da perspectiva de não excluir, escolhemos realizar, em Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia, obras de cidadania, de correção ambiental, social e urbanística, capazes de sinalizar projetos de futuro para o Brasil inteiro.

É de ver o que fizemos em Coroa Vermelha, o cenário da primeira missa, do desembarque. Antes das obras dos 500 anos, o espaço era degradado, com esgoto a céu aberto, escola indígena precária, casas humilhantes. A praia era ocupada por barracas comerciais, 39, que tapavam o horizonte, na paisagem tombada pelo Patrimônio Nacional. Eram ainda 618 edificações irregulares, condenadas pelo Ministério Público local, notificadas para uma demolição



por muitos considerada impossível.

Hoje, o cenário é outro. Na terra indígena tradicional, criada em 98 por decreto de FHC, temos agora o centro comercial pataxó, com 74 lojas e 3.800 m², e o Museu Indígena, com 1.000 m², ao lado do qual brilhará escultura do artista local Crispim Kalango Pataxó, figurando família indígena, viva e ativa, em madeira. Temos ainda a praça da Cruz Monumental, onde cruzeiro em aço, cintilante à luz do sol, criado por Mário Cravo, reflete sobre pedestal de granito baiano verde, amarelo e azul, no qual se lê: "O Brasil renasce onde nasce".

Na grande esplanada, o visitante pode agora ver o horizonte inteiro. Tudo preparado para a chegada da regata histórica em 22 de abril e para o museu flutuante, ou Nau Capitânia, réplica daquela que nos trouxe Cabral.

Fora dali, do outro lado da estrada federal, fizemos o terminal turístico, com 4.000 m² e 104 lojas. Abriga comer-

ciantes não-índios, retirados da reserva com a demolição de seus estabelecimentos e quiosques de praia. Há, também, o centro gastronômico regional.

Mas é longe do percurso turístico que está a obra mais importante: 278 casas para moradores não-índios retirados de Coroa Vermelha, removidos em ação de promoção social sem nenhum conflito. Fizemos ainda 150 casas novas para os pataxós, além de reciclar outras cem, que eram de posseiros não-índios, antes de entregá-las agora aos devidos moradores, pataxós.

O governo federal construiu uma nova escola e o centro de cultura e saúde para os índios. Investimos em Porto Se-

guro, com a edificação do monumental Centro de Convenções. São 17.300 m², dentro de um horto botânico da mata atlântica. Será o palco da celebração dos 500 anos. Ainda na costa do Descobrimento, foram restaurados os sítios de Nossa Senhora da Pena e Santa Cruz, primeiras povoações do Brasil.

Trabalhamos, agora, por um projeto de ecoturismo na área indígena da Jaqueira, voltado para a flora e a fauna, a culinária e as tradições tribais.

Encarregada do projeto de restauração e promoção local, a Comissão Brasil 500 Anos ofereceu cursos do Sebrae a índios e não-índios, para qualificá-los ao turismo de recepção, ecologia e cultura, permitindo seu sustento após a festa. As obras locais empregaram mais de 4.000 trabalhadores. As celebrações devem gerar outro tanto de empregos.

Na mesma direção, estamos construindo marcos nacionais do 5º Centenário do Descobrimento em outras regiões, sempre para estimular a cultura, o turismo e o desenvolvimento sustentado. No Rio, o Museu do Futebol. No Pantanal e em Manaus, aquários. Em Recife, porta do mar e terminal turístico. Em Goiás, o Memorial dos Povos Indígenas, assinado por Siron Franco. Em Mato Grosso, o Memorial Rondon. No Rio Grande do Sul, o parque São Miguel das Missões. Em Brasília, o Museu Nacional de Arte.

Comemorar é conhecer. Valorizar a nossa gente. Não excluir ninguém. Que as tristezas da história não se repitam e as alegrias se multipliquem, na nossa grande democracia. Feliz futuro, brava gente brasileira.

A comemoração não é pelo Descobrimento do Brasil por Portugal. É pela formação da nação